



FADIC – FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JENNIFER CAROLINE DE OLIVEIRA FERNANDES

ESTUPRO DE NANQUIM:

Análise da mulher chinesa através da abordagem feminista das Relações
Internacionais.

RECIFE

2020.2

JENNIFER CAROLINE DE OLIVEIRA FERNANDES

ESTUPRO DE NANQUIM:

Análise da mulher chinesa através da abordagem feminista das Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido para a Faculdade Damas da Instrução Cristã, para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais. Sob a orientação da Prof. Dra. Luciana Lira.

RECIFE

2020.2

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

F363e Fernandes, Jennifer Caroline de Oliveira.
Estupro de Nanquim: análise da mulher chinesa através da
abordagem feminista das relações internacionais / Jennifer Caroline de
Oliveira Fernandes. – Recife, 2020.
51 f.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Luciana Lira.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2020.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Gênero feminino. 3. Teoria
feminista. 4. Estupro de Nanquim. I. Lira, Luciana. II. Faculdade
Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2020.2-318)

JENNIFER CAROLINE DE OLIVEIRA FERNANDES

ESTUPRO DE NANQUIM:

Análise da mulher chinesa através da abordagem feminista das Relações Internacionais.

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instituição Cristã – FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Aprovado em: ____/____/____
Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Luciana Lira
FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Me. Artemis Cardoso Holmes
FACULDADE DAMAS DA INTITUIÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Me. Luís Emmanuel Barbosa da Cunha
FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ – FADIC

AGRADECIMENTO

Primeiramente aos meus pais, Gerson e Elizabete que batalharam muito para me proporcionar a oportunidade de poder realizar meu sonho de me graduar e por nunca desistirem de mim acreditando que eu conseguiria alcançar meus objetivos.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a. Dra. Luciana Lira e também aos meus dois professores presentes na banca, Professora Artemis e Professor Luiz Emmanuel, pois todos os citados me trataram com paciência e forneceram direcionamentos que foram muito uteis nessa trajetória final do meu projeto, além de serem professores que com certeza vou levar na memória para o resto da vida, pois as vezes sem perceberem, trouxeram grandes mudanças na minha vida através de seus ensinamentos.

Aos meus irmãos, Jéssica, Ana Julia e Leandro com quem posso sempre contar, seu infindável apoio, compreensão e incentivo e através das nossas diferenças pude aprender e construir quem eu sou hoje, assim como meu namorado, Miguel, pelo amor e confiança postos sobre mim e pelo apoio que precisei muitas vezes quando tive vontade de desistir.

Ademais, agradeço aos inúmeros familiares, pelo incessável apoio e fomento que me forneceram, independentemente da distância existente entre nós.

Aos amigos de sala, que conheci na graduação: Fernando, Cristiano, Tiago, Ingrid, Jessica, Marcone, Eduarda e todos os demais. Um grupo que através do companheirismo e incentivo, mesmo nos momentos difíceis da faculdade, fizeram com que esses anos se tornassem mais leves e construíram comigo sonhos que poderemos exercer após a formação

Por fim, as minhas amigas distantes Lua e Paula, agradeço por todos os anos de amizade, mesmo na distância, e por sempre acreditarem no meu potencial mesmo quando eu não enxergava o mesmo.

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar como a teoria feminista das Relações Internacionais, pode ser usada para explicar os eventos ocorridos com as mulheres chinesas durante o Estupro de Nanquim como reflexo de uma realidade específica para retratar as diferentes questões de gênero no cenário internacional. Dessa forma a facilitar a compreensão da realidade vivida por essas mulheres, não só para estudiosos das Relações Internacionais, mas também para a sociedade em geral.

Palavras chaves: Gênero feminino. Teoria feminista. Relações Internacionais. Estupro de Nanquim.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze how the feminist theory of International Relations can be used to explain the events that occurred with Chinese women during the Nanking rape as a reflection of a specific reality to portray the different gender issues on the international scene. In this way it facilitates understanding of the reality experienced by these women, not only for International Relations scholars, but also for society in general.

Key words: Feminine gender. Feminist theory. International Relations. Rape of Nanking.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 COMPREENDENDO O FEMINISMO NAS REALÇÕES INTERNACIONAIS.....	13
1.1 Gênero nas Relações Internacionais.....	13
1.2 Masculinidade Hegemônica	16
1.3 Perspectiva feminista e a crítica as escolas tradicionais	20
2 A MULHER CHINESA E O ESTUPRO DE NANQUIM	24
2.1 Sociedade Patriarcal chinesa e o papel da mulher no Estado	24
2.2 A invasão japonesa e o Estupro de Nanquim.....	27
2.3 As mulheres de conforto	33
3 ANÁLISE DO ESTUPRO DE NANQUIM ATRAVÉS DA PERSPECTIVA FEMINISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.	36
3.1 Violência sexual militarizada	36
3.2 Sobre a prostituição.....	41
3.3 Sobre o Julgamento	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	48

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos o debate a respeito da questão de gênero tem ganhado força através da luta do movimento feminista em diversas áreas de estudo, inclusive nas Relações Internacionais. No entanto, o aumento no número de pesquisas a respeito de processos que contornam a identidade da mulher, tem revelado grandes índices de desigualdade e diferentes perspectivas de famosos casos ocorridos no cenário internacional.

O evento conhecido como Estupro de Nanquim, ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial, após o enfraquecimento das tropas chinesas por consequência de batalhas anteriores contra o exército inimigo. Neste contexto, soldados japoneses invadiram a até então capital da cidade, Nanquim, cometendo diversos atos contra a dignidade das mulheres chinesas. Estima-se que dentre as 200 mil pessoas mortas durante a invasão, ao menos 20 mil mulheres foram estupradas, torturadas e mortas pelo exército japonês, em um período de seis semanas. Esse número corresponde apenas a uma fração dos casos, levando em consideração somente os casos registrados e julgados pelo Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente¹.

O exército japonês reproduziu comportamentos que são estudados e analisados pelas autoras feministas em cenários de guerra e as consequências de tais comportamentos demonstrou a pouca proteção do Estado em relação a indivíduos ligados ao gênero feminino, não somente durante o ocorrido, como também após esses acontecimentos, pois não houve qualquer suporte a essas mulheres ao longo dos anos seguintes. Características associadas à masculinidade hegemônica foram utilizadas para construção deste tipo de análise e uma relação entre masculinidade e poder pôde ser associada, pois Segundo Scott (1986), os conflitos a nível local e internacional são tradicionalmente associados ao sexo masculino, sendo este reconhecido como um sujeito de ação e representatividade, enquanto as mulheres são identificadas majoritariamente como vítimas da guerra.

¹ Tribunal formado para julgar os líderes do Império do Japão por três tipos de crimes: "Classe A" (crimes contra a paz), "Classe B" (crimes de guerra) e "Classe C" (crimes contra a humanidade), cometidos durante a Segunda Guerra Mundial.

O quesito da proteção passou a ser algo efetivamente abordado na perspectiva feminista das Relações Internacionais, pois efetivamente não existe relação entre o gênero feminino e segurança. A caracterização da mulher como vítima ficou evidente no conflito e o corpo da mulher chinesa passou a ser alvo de domínio, pois o adversário tende a querer atacar as fraquezas do inimigo. Os tipos de abuso ultrapassaram o quesito de satisfação pessoal dos soldados japoneses demonstrando características de perversidade e descontrole, uma vez que o Estupro até então não era reconhecido como crime de guerra.

Apesar do reconhecimento de que mulheres e homens devem ser parceiros iguais nesses processos, a construção da paz e da segurança sob uma perspectiva de gênero ainda é limitada, constituindo assim um dos desafios dos processos de construção e manutenção da paz. As perspectivas feministas vêm para introduzir um novo paradigma a teorias e conceitos que alicerçam o debate sobre o tema nas Relações Internacionais. Entende-se que apenas a partir da desconstrução de teorias realistas e liberais seria possível fazer uma análise mais apropriada através da perspectiva da vítima e não do evento. Para entender por que acontece, como acontece e quando.

Autoras que discutem a desigualdade de gênero, analisam a guerra através de uma perspectiva feminina e dão suas explicações e propostas para uma melhoria caso ocorram mudanças na maneira como o sistema internacional funciona e enxerga o gênero feminino nas esferas política, econômica e social, demonstrando uma certa esperança para aquelas que sofrem apenas por serem mulheres. Ao se tratar da China, a abordagem feminista ainda está passando por um processo de despertar, pois é um assunto considerado novo e não tão explorado por se tratar de um local onde o sistema patriarcal prospera a milênios. A Revolução Chinesa teve o efeito de acelerar as mudanças no sentido de modernização da sociedade, o que acarretou incipiente discussão de gênero no local, porém somente após a Conferência de Beijing² a questão feminista tomou mais fôlego no país.

Quando tratamos da questão de gênero no cenário internacional, precisamente em países orientais, fica evidente que muito ainda precisa ser debatido, portanto autoras como J. Ann Tickner, Cynthia Enloe e Christine Sylvester, passam a ser protagonistas do debate feminista dentro da disciplina por colocarem

² IV Conferência Mundial sobre a Mulher com tema central “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”

em pauta cenários antes vistos apenas através de perspectivas realistas e liberais ou neo-variáveis, através do feminismo.

Os estupros em massa cometidos em Nanquim tiveram conhecimento da comunidade internacional, mas não foram devidamente apurados, investigados e condenados, pois ainda não havia a concepção de que o crime de estupro poderia ser considerado crime de guerra, crime contra a humanidade ou crime de genocídio, deixando os milhares de casos de estupro a margem da impunidade. (MARTINS, 2019). O debate de gênero mostra-se muito importante para ressaltar os fundamentos ideológicos que dão suporte ao ocorrido uma vez que foram realizados por um júri exclusivamente formado por homens, não havendo qualquer perspectiva de inclusão do ponto de vista das mulheres sobre os fatos.

Houve uma maior preocupação por parte dos países envolvidos na Segunda Guerra Mundial em tentar punir o Japão pelo uso de armas químicas, do que uma análise do massacre através dos acontecimentos referentes as mulheres chinesas, o que demonstra um grande desinteresse das nações com questões referentes ao gênero, demonstrando a superioridade masculina e colocando o Estado sempre acima do indivíduo, o que vai de encontro com a pauta feminista, além disso, não houve por parte da comunidade internacional uma demonstração clara de reprovação ou repúdio a tais atos, nem nenhuma ação no sentido de promover qualquer tipo de auxílio humanitário para as vítimas do massacre ou qualquer movimentação para o estudo das consequências que acarretaram os crimes cometidos contra as mulheres chinesas, deixando-as como responsáveis pela sua própria dor. Tal responsabilidade ficou a cargo apenas do governo nacional que também não foi capaz de suprir as necessidades das vítimas, mostrando como o feminismo é necessário nas Relações Internacionais.

Com essas ideias em mente podemos analisar através deste trabalho: em que medida o feminismo nas Relações Internacionais, pode ser usado para explicar a reação do cenário internacional durante o período do massacre e como pode ser analisado os crimes cometidos contra a mulher chinesa de maneira a possibilitar o entendimento de sua realidade, não só para estudiosos das Relações Internacionais, mas também para a sociedade em geral.

Embora o estudo de gênero tenha se mostrado extremamente importante, ele ainda não é abordado como deveria dentro das ciências sociais, por estar

incorporado em grande parte, somente no debate feminista, no entanto é necessário que haja um entendimento não somente nesta área.

Também conhecido popularmente como massacre de Nanquim, foi escolhido utilizar o termo Estupro de Nanquim para enfatizar os crimes cometidos contra as mulheres chinesas. Através deste trabalho pretende-se fazer uma análise sobre a realidade vivida pelas mulheres em cenários de guerra ou conflito que envolvem, por sua vez, questões relacionadas às identidades de gênero, às desigualdades estruturais e às concepções de segurança internacional, demonstrando como segurança e feminilidade são conceitos que não costumam trabalhar em conjunto.

A urgência e importância do tema no campo das Relações Internacionais se justificam diante de um cenário de revisão crítica a respeito das bases ideológicas sobre as quais historicamente têm-se constituído as relações entre os estados-nações e a intervenção de organismo supranacionais em cenários de paz ou de guerra. Conceitos basilares ao campo das RI como Poder (Hard Power)³ e Estado, assim como os mecanismo de regulação e os instrumentos de controle internacionais, tais como o Tribunal Penal Internacional, são fundamentais para a compreensão do fenômeno.

Outra contribuição importante está na demonstração de como diferentes formas de poder podem ser exercidos para oprimir fisicamente e psicologicamente uma mulher, através da concepção de que um Estado masculinizado tende a colocar o gênero feminino em uma posição de inferioridade passando a necessitar constantemente da segurança do Estado, ou seja, diversos outros eventos parecidos com o abordado podem estar sujeitos a acontecer na mesma proporção em diversos lugares. Desta maneira, a análise do Estupro de Nanquim a partir da teoria feminista das Relações Internacionais é de fundamental importância na contemporaneidade.

A pesquisa proposta empregará o método de revisão bibliográfica que será feito através das principais obras produzidas pelas autoras feministas da disciplina para que haja um melhor entendimento da teoria que será analisada no trabalho, além de proporcionar a análise que rodeia o tema do projeto. Será feito

³ Hard power é um conceito usado pela vertente realista das relações internacionais e designa a capacidade de um corpo político de influenciar ou exercer poder sobre o comportamento de outro, mediante o emprego de recursos militares e econômicos.

também uma análise do conteúdo de comunicação, por meios audiovisuais com a função de examinar relatos das vítimas para compor o trabalho.

Para tanto, será também aplicado o método histórico, que se fundamenta em investigar e pesquisar os acontecimentos ocorridos, para entender qual o contexto em que a China se encontrava durante o evento proposto na pesquisa. Consequentemente, o método explicativo poderá ser empregado de forma a compreender os fenômenos analisados e a realidade avaliada nesta pesquisa, interpretando-os e identificando suas causas.

O trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, focaremos na questão do gênero feminino dentro das Relações Internacionais, quem são seus principais estudiosos e como apresentam a teoria com a finalidade de entender as diferenças de gênero dentro da disciplina, abordando conceitos como masculinidade hegemônica e desconstruindo as teorias tradicionais que durante muito tempo ditaram o caminho das Relações Internacionais.

No segundo capítulo, abordaremos a questão histórica do estudo de caso, entendendo quem eram as mulheres chinesas citadas no projeto para posteriormente detalhar os casos de violação em massa ocorridos contra elas durante o Estupro de Nanquim e faremos uma ligação dos casos de violação com a criação de milhares de prostibulos militares por toda a Ásia.

Continuando a análise, no terceiro capítulo, uniremos a teoria com o fator histórico e explicaremos através da abordagem feminista qual a construção teoria que está por trás dos atos de violação em um ambiente militarizando, enfatizando pontos como a vida da mulher militarizada, a análise da prostituição pós guerra e por fim analisaremos o julgamento do Império Japonês através da abordagem de impunidade no que diz respeito às questões que contornam o gênero feminino.

CAPÍTULO I

COMPREENDENDO O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1.1 Gênero nas Relações Internacionais

Para os estudos feministas das Relações internacionais o gênero surge como principal categoria de análise, a partir do entendimento que, segundo Tickner (1992, p.6), a política internacional sempre tem sido uma atividade de gênero no sistema de Estado moderno. “Feminists claim that we know more about global politics when we ask questions about women and gender”⁴ (BROWN, 1988, apud ENLOE, 2010). Em uma perspectiva geral sobre o conhecimento da sociedade, existe uma maior compreensão que o conceito de gênero feminino está ligado ao indivíduo do sexo feminino, no entanto, não é correto afirmar que gênero está relacionado a um determinismo biológico, por conta disso quando as pensadoras feministas usam o termo gênero hoje, geralmente não se referem a diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas a um conjunto de características culturalmente moldadas e definidas associadas à masculinidade e feminilidade. (TICKNER, 1992, p.7). Dito isto pode-se afirmar que:

Gênero é importante não apenas porque define as relações de poder entre homens e mulheres, mas porque também condiciona o nosso pensamento a funcionar a partir de dicotomias hierarquizadas que legitimam formas múltiplas de dominação em diversas esferas sociais (MONTE, 2013, p.70)

No entanto, existe uma certa diferença a respeito do estudo de gênero dentro das Relações Internacionais. Autoras de diferentes perspectivas feministas contribuem para o debate de gênero através de pontos de vista distintos, entretanto para Tickner (1992, p.11) quase todas as perspectivas feministas foram motivadas pelo objetivo comum de tentar descrever e explicar as fontes da desigualdade de gênero e, portanto, da opressão das mulheres, e de buscar estratégias para acabar

⁴ Feministas afirmam que sabemos mais sobre política global quando fazemos perguntas sobre mulheres e gênero. (Tradução livre do autor).

com elas, através dos argumentos.

Cristhine Sylvester (2001), em sua obra “Feminist International Relations”⁵ aborda as diferentes utilizações de gênero entre as autoras feministas das Relações Internacionais, destacando que Ann Tickner trabalhou no centro do debate, considerando as questões de segurança na reavaliando a tradição realista, Cynthia Enloe passou a ser uma observadora das mulheres em um campo nunca antes visto, como em cenários de guerra e através da perspectiva da vítima, e por último, a própria Sylvester, foi responsável por debater na disciplina o que era ignorado, ocultado ou não podia ser totalmente submerso em discussões que não incluía mulher e gênero no sistema internacional.

Múltiplas são as abordagens feministas que utilizam o gênero para validar seus argumentos na tentativa de encontrar a fonte da desigualdade de gênero, no entanto diferem na maneira como enxergam as formas de opressão. Tickner (1992) descreve as diferenças no seguinte trecho:

While Marxist feminists believe that capitalism is the source of women's oppression, radical feminists claim that women are oppressed by the system of patriarchy that has existed under almost all modes of production. Some radical feminists argue that the low value assigned to the feminine characteristics described above also contributes to women's oppression. Feminists in the psychoanalytic tradition look for the source of women's oppression deep in the psyche, in gender relationships into which we are socialized from birth..Socialist feminists claim that women's position in society is determined both by structures of production in the economy and by structures of reproduction in the household.(TICKNER, 1992, pg 11)⁶

No entanto, ainda que ocorram desencontros teóricos nas diferentes abordagens, existe uma maior preocupação entre as autoras, a respeito da ausência do estudo de gênero dentro das Relações Internacionais, o que levou a uma formulação de conceitos e teorias na disciplina, através de uma perspectiva masculina e dentro de uma própria concepção da realidade em que o sistema internacional está inserido, pois o estudo das Relações Internacionais nunca se

⁵ Neste livro, Christine Sylvester examina a história dos esforços das feministas para incluir as relações de gênero no estudo das Relações Internacionais.

⁶ Enquanto as feministas marxistas acreditam que o capitalismo é a fonte da opressão feminina, as feministas radicais afirmam que as mulheres são oprimidas pelo sistema de patriarcado que existiu sob quase todos os modos de produção. Algumas feministas radicais argumentam que o baixo valor atribuído às características femininas descritas acima também contribui para a opressão da mulher. As feministas na tradição psicanalítica procuram a fonte da opressão das mulheres no fundo da psique, nas relações de gênero em que somos socializadas desde o nascimento... As feministas socialistas afirmam que a posição da mulher na sociedade é determinada tanto pelas estruturas de produção na economia como pelas estruturas de reprodução no lar. (Tradução livre do autor)

tratou apenas sobre as relações entre Estados. (TICKNER, 2001, p.2).

Similarly missing in much of the new IR culture literature is gender analysis. The work offers little of the feminist sense that men and women (as decision makers, culture objects/viewers/shapers, participants in transnational movements, citizens, and so on) often inhabit different cultures, idea-realms, and social positions within international relations (which is why they see things differently) and within their own nation-states. (SYLVESTER, 2001, p.11)⁷

Através do conhecimento de que o estudo foi comprometido pela perspectiva unilateral do gênero masculino, o projeto de pesquisa feminista visa primeiro revelar a posição do gênero nas Relações Internacionais e, em seguida, fornece versões da teoria e da prática, que são menos tendenciosas, mais justas e extremamente importantes para o conhecimento feminista e das Relações Internacionais (2001). Autoras feministas através da utilização do gênero como categoria principal de análise acabam desconstruindo o discurso de segurança tradicional, abordando questões de identidade e enfatizando como identidades nacionais e étnicas podem exacerbar conflitos, pois “Gênero e Estados são narrativas que se interpelam e interpelam os indivíduos na formação de identidades individuais e coletivas” (MONTE, 2010, p.19).

Feminists have claimed that the likelihood of conflict will not diminish until unequal gender hierarchies are reduced or eliminated; the privileging of characteristics associated with a stereotypical masculinity in states' foreign policies contributes to the legitimization not only of war but of militarization more generally. Wary of what they see as gendered dichotomies that have pitted realists against idealists and led to overly simplistic assumptions about warlike men and peaceful women,¹⁷ certain feminists are cautioning against the association of women with peace, a position that, they believe, disempowers both women and peace. (TICKNER, 2001, p.6)⁸

Cynthia Enloe (1990) diferente das outras autoras, afirma que a discussão de gênero dentro das Relações Internacionais, vai muito além de entender os conceitos de masculinidade e feminilidade e de como eles são exercidos pelos

⁷ Do mesmo modo, falta em grande parte da nova literatura sobre cultura de RI a análise de gênero. O trabalho oferece pouco do sentido feminista de que homens e mulheres (como decisores, objetos/visitantes/formadores de cultura, participantes em movimentos transnacionais, cidadãos, etc.) habitam frequentemente diferentes culturas, ideias-realidades, e posições sociais no seio das relações internacionais (e é por isso que vêem as coisas de forma diferente) e dentro dos seus próprios estados nacionais. (Tradução livre do autor).

⁸ As feministas têm afirmado que a probabilidade de conflito não diminuirá até que as hierarquias desiguais de gênero sejam reduzidas ou eliminadas; o privilégio das características associadas a uma masculinidade estereotipada no estrangeiro dos Estados as políticas contribuem para a legitimação não só da guerra mas também da militarização mais genericamente. Desconfiados do que vêem como dicotomias de gênero que têm contra os idealistas e levou a suposições demasiado simplistas sobre homens de guerra e mulheres pacíficas, certas feministas estão a advertir contra a associação de mulheres com a paz, uma posição que, acreditam elas, desresponsabiliza tanto as mulheres como a paz. (Tradução livre do autor).

Estados, para a autora, o gênero é responsável por manter o Status Quo⁹ e por isso os Estados temem a resistência dos estudos sobre o gênero, pois poderia promover uma manutenção desse Status, o que não seria benéfico para uma sociedade patriarcal. Enloe (1990) também acredita que o gênero está intimamente ligado ao poder e por conta disso a autora procura observar em qual posição o gênero feminino se encontra quando o poder é exercido pelo Estado, pois a masculinidade exerce diferentes formas de poder e em algumas, deve-se ter mais atenção, pois são tão sutis que dificilmente são enxergados e impulsionam a desigualdade entre os gêneros. Por último enfatiza a importância do estudo de gênero ser feito com neutralidade para que não ocorra a associação do gênero feminino à tradições ou preferências culturais de um certo Estado.

Após as reflexões sobre a questão de gênero, fornecidas pelas autoras pode-se entender que a abordagem feminista procura entender se tudo o que passa por natural, tradicional ou biológico, é real ou foi uma construção através da sociedade patriarcal. Partindo desta perspectiva, estudar o funcionamento da Masculinidade Hegemônica tornou-se um foco importante da teoria feminista.

1.2 Masculinidade Hegemônica

Para entender o funcionamento do sistema internacional através da perspectiva feminista, é necessário investigar o funcionamento das masculinidades e das feminilidades à medida que cada uma delas dá forma à complexa vida política internacional (ENLOE, 1990). Na medida em que a política internacional é uma esfera de atividade masculinizada, as vozes das mulheres não são consideradas autênticas (TICKNER, 2001), portanto compreender o funcionamento da masculinidade, principalmente a identificada pelas feministas como hegemônica é de extrema importância, pois ela é vista em termos de identificação como um elemento chave na ordem do gênero que faz parte de uma explicação para a existência e perpetuação da desigualdade de gênero.

⁹ Expressão do latim que significa “estado atual”. O status quo está relacionado ao estado dos fatos, das situações e das coisas, independente do momento.

As masculinidades são múltiplas, fluidas e dinâmicas e as posições hegemônicas não são as únicas disponíveis numa dada sociedade, no entanto a masculinidade hegemônica dita o ideal da masculinidade acima de todas as outras, ou seja, ela exige que todos os outros tipos se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONEEL, 2005, p.245). Existe uma maior preocupação feminista sobre o assunto, pois se tornou um conceito institucionalizado por estar envolvido nas principais decisões do Estado e por demonstrar a atitude masculinizada que os Estados devem perpetuar no sistema internacional.

Connell suggests that what he calls "hegemonic masculinity," a type of culturally dominant masculinity that he distinguishes from other subordinated masculinities, is a socially constructed cultural ideal that, while it does not correspond to the actual personality of the majority of men, sustains patriarchal authority and legitimizes a patriarchal political and social order. (CONNEL, 1987, apud TICKNER, 1992).¹⁰

Tickner (2001), realiza uma grande análise do termo, explicando como ele age na questão de gênero e afirma que esse tipo de masculinidade para se sustentar precisa constantemente desvalorizar tanto as outras masculinidades, como o gênero feminino, além disso explica o funcionamento da masculinidade hegemônica de forma institucionalizada, através da perpetuação de uma imagem de Estado forte, onde o gênero masculino passa a ser a imagem do Estado e por consequência precisa cumprir com o seu papel de masculinidade, “protegendo” o indivíduo feminino, que é considerado por ele inferior, o que caracteriza uma desigualdade de gênero estrutural. Características tradicionalmente associadas com a masculinidade incluem força, proteção, racionalidade, agressão, vida pública, dominação e liderança, enquanto, por outro lado, a fraqueza, vulnerabilidade, emoção, passividade, privacidade, submissão, e cuidado têm sido tradicionalmente associados à feminilidade. (ENLOE, 2010).

Feministas afirmam que os valores defendidos pela sociedade a respeito do modelo ideal reproduzem o ponto de vista masculino tornando esses valores como reais enquanto o pensamento feminista se transforma no outro (TICKNER, 2001).

¹⁰ Connell sugere que aquilo a que ele chama "masculinidade hegemónica", um tipo de masculinidade culturalmente dominante que ele distingue de outras masculinidades subordinadas, é um ideal cultural socialmente construído que, embora não corresponda à personalidade real da maioria dos homens, sustenta a autoridade patriarcal e legitima uma ordem política e social patriarcal.

Feminists also claim that values espoused by liberalism of privilege such as individual freedom, the importance of property rights, and universalism emphasize values associated with a Western form of hegemonic masculinity. These values are then reproduced in economic models that tend to conflate this masculine viewpoint with a general "human" standpoint, thereby confining the feminine to the structural position of "other"; such thinking renders the masculine as norm and the feminine as difference (2001, p.80)¹¹

Outros pontos destacados na concepção da autora (2001) estão nas diversas formas em que o termo pode gerar a opressão, pois expressa que a masculinidade hegemônica sofre alterações conforme o tempo e se ajusta conforme a quantidade de poder requerida ao momento, servindo para sustentar a subordinação da mulher, na medida em que a luta feminista avança ao longo dos anos, sendo assim, acompanha a causa feminista e impossibilita as ações para uma nova estrutura social, afirmando assim que uma possível hegemonia feminina não poderia existir uma vez que o termo de masculinidade hegemônica já é em si normativo.

Socially constructed gender differences are based on socially sanctioned, unequal relationships between men and women that reinforce compliance with men's stated superiority. Nowhere in the public realm are these stereotypical gender images more apparent than in the realm of international politics, where the characteristics associated with hegemonic masculinity are projected onto the behavior of states whose success as international actors is measured in terms of their power capabilities and capacity for self-help and autonomy (TICKNER, 1992, p.7).¹²

Já precisamente dentro das Relações Internacionais, Tickner (2001) demonstra como a construção da disciplina foi moldada através da concepção masculina dos autores das escolas tradicionais, pois os termos utilizados na ciência como: soberania e segurança, invocam construções que privilegiam o gênero masculino através desse tipo de hegemonia, ou seja, existe uma construção e reprodução das identidades masculinas dentro das teorias das Relações

¹¹ Feministas também afirmam que os valores defendidos pelo liberalismo de privilégios - tais como a liberdade individual, a importância dos direitos de propriedade, e o universalismo - enfatizam valores associados a uma forma ocidental de masculinidade hegemônica. Estes valores são então reproduzidos em modelos econômicos que tendem a confundir este ponto de vista masculino com um ponto de vista "humano" geral, limitando assim o feminino à posição estrutural do "outro"; tal pensamento torna o masculino como norma e o feminino como diferença.

¹² As diferenças de gênero socialmente construídas baseiam-se em relações socialmente sancionadas e desiguais entre homens e mulheres que reforçam a conformidade com a superioridade declarada dos homens. Em nenhum lugar do domínio público estas imagens estereotipadas do gênero são mais aparentes do que no domínio da política internacional, onde as características associadas à masculinidade hegemônica são projetadas no comportamento dos Estados cujo sucesso como actores internacionais é medido em termos das suas capacidades de poder e capacidade de auto-ajuda e autonomia.

Internacionais. Características como autoajuda, autonomia e maximização de poder, que são descritas pelos realistas como comportamentos que aumentam a segurança, também são características hegemônicas, do gênero masculino. Embora em alguns locais, através do crescimento do feminismo tanto nas esferas domésticas como na esfera internacional, o Estado tenha tentado colaborar aos poucos com a causa feminista e tenha melhorado sua atitude em relação a mulher, Tickner (2001) afirma que segurança e gênero feminino não são conceitos que trabalham de forma conjunta, pois o termo segurança já possui uma conotação masculina.

Ao aprofundar os estudos sobre a relação entre masculinidade hegemônica e segurança um foco particular dessas pesquisas foi a instituição militar, em que padrões específicos de masculinidade hegemônica costumam ser dominantes, mas têm se tornado cada vez mais problemáticos (CONNEL, 2005, p.247). Atemporais e globalizantes na política atual as masculinidades hegemônicas, criam desequilíbrios e conflitos através do militarismo com base no gênero (ENLOE, 2010), pois frequentemente, a virilidade também tem sido associada à violência e ao uso da força, e se transformou em um tipo de comportamento que, quando conduzido na arena internacional, tem sido valorizado e aplaudido em nome da defesa do próprio país. (TICKNER, 1992)

Masculine social norms in international politics are particularly evident in militarized institutions, which are structured around gendered, and Militarism hierarchical relationships both within the institutions and in their accomplishment of their missions (Tickner 1992)¹³

Tanto para Tickner (1992) quanto para Enloe (2010) existe uma relação entre militarismo e violência estrutural, pois a política militar e externa são arenas de formulação de políticas menos apropriadas para mulheres e por consequência o Estado masculino e militarizado, quando associado a questão de conflitos, a mulher, reconhecida como ser frágil que precisa da ajuda do Estado, irá se transformar na vítima, pois em um cenário de conflitos os Estados buscam atingir

¹³ Normas sociais masculinas na política internacional são particularmente evidentes nas instituições militarizadas, estruturadas em torno do gênero, e nas relações hierárquicas do militarismo, tanto dentro das instituições como no cumprimento das suas missões.

as fraquezas do adversário. As classificações de Hard Power¹⁴ e Soft Power¹⁵ têm associações com estereótipos de gênero, visto que o primeiro é descrito em termos masculinos, e o segundo em termos femininos. (ENLOE, 2010, p.33)

Ao entender como o funcionamento da masculinidade hegemônica age para sustentar a desigualdade de gênero, deve-se abordar em seguida como as teóricas feministas trabalham para desconstruir conceitos que estão firmados dentro da disciplina das Relações Internacionais.

1.3 Perspectiva feminista e a crítica às escolas tradicionais.

Conforme demonstrado anteriormente, a teoria feminista enxerga as Relações Internacionais através de uma perspectiva humanista, ligada a discussão de gênero e demonstra como as estruturas e instituições funcionam promovendo a desigualdade de gênero, além disso também estuda eliminar as formas de relações sociais hierárquicas partindo da ideia de que ¹⁶“feminists frequently make different assumptions about the world, ask different questions, and use different methodologies to answer them” (TICKNER, 2001, pg.3), ou seja, existe uma produção do conhecimento marcada pela perspectiva masculina que pensa a partir de categorias, imagens e ideias específicas, o que difere do pensamento feminista, que busca outros meios de analisar a realidade. No entanto para cumprir esse papel a escola feminista precisa primeiramente desconstruir conceitos definidos através das escolas tradicionais que ditaram o rumo da disciplina.

Tickner (1992) critica as escolas tradicionais por promoverem os seus estudos a partir do conceito de ¹⁷Estado de Natureza o que gerou um foco de análise no Estado e no sistema em um ambiente anárquico¹⁸, porém descartam a

¹⁴ Conceito usado pela vertente realista das relações internacionais e designa a capacidade de um corpo político de influenciar ou exercer poder sobre o comportamento de outro, mediante o emprego de recursos militares e econômicos.

¹⁵ Expressão usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político - um Estado, por exemplo - para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

¹⁶ Feministas fazem frequentemente diferentes suposições sobre o mundo, fazem diferentes perguntas e utilizam diferentes metodologias para as responder.

¹⁷ Estado anterior à constituição da sociedade civil.

¹⁸ A anarquia nas relações internacionais é um conceito na teoria das relações internacionais, que considera a ordem mundial como uma liderança: não existe governos soberanos ou universais no mundo. Não há portanto, hierarquicamente um poder coercitivo para resolver litígios, fazer valer a lei, ou a ordem do

relação dos indivíduos no processo que são responsáveis pela construção desses mesmos sistemas, pois diferentemente de outras escolas que analisam a causa dos acontecimentos internacionais, a perspectiva feminista está preocupada em observar o que houve durante o ocorrido, além do mais, a definição de anarquia ganha um valor distinto a respeito do conceito de proteção do Estado, visto que não observa as violações domésticas ocorridas através das questões internacionais, ou seja, feministas introduzem a questão da violência doméstica e analisam como as fronteiras entre público e privado, doméstico e internacional, político e econômico, são inter-relacionadas.

Feminist theories draw our attention to another anarchy/order distinction-- the boundary between a public domestic space protected, at least theoretically, by the rule of law and the private space of the family where, in many cases, no such legal protection exists. In most states domestic violence is not considered a concern of the state, and even when it is, law enforcement officials are often unwilling to get involved. c on women, often seen as "victim precipitated," are not taken as seriously as criminal assaults. (TICKNER, 1992, pg.38) ¹⁹

Outra importante contribuição para a teoria vem de Sylvester (2001) que afirma que grande parte do conhecimento sobre o mundo tem sido baseado no conhecimento sobre os homens, portanto as pensadoras feministas têm sido céticas em relação a metodologias que reclamam a neutralidade dos seus fatos e a universalidade das suas conclusões, procurando trabalhar na busca de falhas no “mainstream”²⁰ através da aprofundamento das relações hierárquicas de gênero, para isso foi necessário reavaliar as tradições realistas, liberais e por consequência, suas vertentes.

A crítica ao realismo está justamente na importância da realidade anárquica do sistema internacional, para as feministas uma preocupação constante com a defesa do Estado, leva a uma supervalorização da violência e legitima o uso da força tanto na esfera doméstica quanto na esfera internacional, o que acaba gerando uma imagem militarizada e opressora do Estado colocando em risco a

sistema, como existe na política interna. Nas relações internacionais, a anarquia é amplamente aceita como o ponto de partida para a Teoria das Relações Internacionais.

¹⁹Teorias feministas chamam a nossa atenção para outra distinção anárquica/ordem - a fronteira entre um espaço público doméstico protegido, pelo menos teoricamente, pelo Estado de direito e o espaço privado da família onde, em muitos casos, não existe tal proteção legal. Na maioria dos Estados, a violência doméstica não é considerada uma preocupação do Estado, e mesmo quando o é, os funcionários responsáveis pela aplicação da lei muitas vezes não estão dispostos a envolver-se. As agressões domésticas às mulheres, muitas vezes vistas como "vítimas precipitadas", não são levadas tão a sério como as agressões criminosas.

²⁰ Ideias e atitudes consideradas normais ou convencionais; tendência dominante da opinião.

segurança individual das mulheres. Dito isso, a crítica está na incoerência da defesa que deveria ser promovida pelo Estado, uma vez que para as feministas o que ocorre é justamente o contrário. Para Tickner (2001) cabe também uma nova análise do conceito de segurança que possa englobar não somente o Estado, mas também os indivíduos, promovendo uma imagem menos militarizada dos Estados e uma visão mais abrangente do comportamento humano, porém tal atitude só poderia ser realizada a partir do reconhecimento do estudo de gênero na disciplina e por uma reavaliação da tradição realista, conforme afirma Tickner:

Feminist perspectives on national security take us beyond realism's statist representations. They allow us to see that the realist view of national security is constructed out of a masculinized discourse that, while it is only a partial view of reality, is taken as universal. Women's definitions of security are multilevel and multidimensional. Women have defined security as the absence of violence whether it be military, economic, or sexual. Not until the hierarchical social relations, including gender relations, that have been hidden by realism's frequently depersonalized discourse are brought to light can we begin to construct a language of national security that speaks out of the multiple experiences of both women and men. (TICKNER, 1992, pg.40)²¹

Conforme citado anteriormente, na perspectiva feminista doméstica e internacional são assuntos que devem ser abordados de forma conjunta, e é através deste raciocínio que surge a crítica à escola liberal pela escola feminista, pois Sylvester (2001) acusa o liberalismo de projetar o ganho econômico acima de qualquer outra coisa, gerando um egocentrismo no indivíduo deixando de lado a ideia de comunidade e cooperação que são conceitos que acompanham o pensamento feminista no que se refere a luta por igualdade de gênero, além disso a vertente neoliberal promove a redução do setor público o que pode resultar na diminuição de políticas públicas para a promoção do bem estar público e do serviço de defesa doméstica, o que também desfavorece o gênero feminino dentro do Estado, já na esfera internacional, já na política externa o neoliberalismo é também acompanhado pela retórica do medo e perigo, o que leva a uma importância da militarização do Estado (HARVEY 2005, apud, ENLOE 2010).

²¹ As perspectivas feministas sobre a segurança nacional levam-nos para além das representações estatísticas do realismo. Elas permitem-nos ver que a visão realista da segurança nacional é construída a partir de um discurso masculinizado que, embora seja apenas uma visão parcial da realidade, é tomada como universal. As definições de segurança das mulheres são multi-níveis e multidimensionais. As mulheres definiram a segurança como a ausência de violência, seja ela militar, econômica ou sexual. Só quando as relações sociais hierárquicas, incluindo as relações de gênero, que têm sido ocultadas pelo discurso frequentemente despersonalizado do realismo, forem trazidas à luz é que poderemos começar a construir uma linguagem de segurança nacional que fale a partir das múltiplas experiências tanto de mulheres como de homens.

Portanto, entende-se no final deste primeiro capítulo que: o sistema internacional possui características de um sistema patriarcal, a disciplina das Relações Internacionais seguiu uma ideologia definida pela masculinidade, e que as abordagens feministas precisam, primeiramente desconstruir as teorias tradicionais, principalmente os conceitos de segurança e anarquia, para construir próprias teorias através da discussão de gênero, no entanto no capítulo seguinte será abordado como os conceitos são utilizados na prática através da observação dos eventos ocorridos no estudo de caso sugerido neste projeto.

Nesse capítulo será observado como a sobrevivência num sistema internacional propenso à violência atingem diretamente o gênero feminino, mais especificamente as mulheres chinesas que serão estudadas, em um sistema internacional povoado por heróis-guerreiros masculinos, quadro este que legitima certos atos e condutas, que servem para reforçar a necessidade do estudo feminista em conflitos armados, uma vez que analisa a causa dos fenômenos tanto a nível de Estado e sistema quanto clama por uma atenção a respeito do papel dos indivíduos e grupos responsáveis na construção e manutenção da paz.

CAPÍTULO II

A MULHER CHINESA E O ESTUPRO DE NANQUIM.

2.1 Sociedade Patriarcal chinesa e o papel da mulher no Estado.

Será necessário anteriormente a um aprofundamento no estudo de caso sugerido neste trabalho, estabelecer quem era a mulher chinesa, em qual posição se encontrava, e qual era a realidade vivida por ela. Para isso, se torna essencial o entendimento do sistema tradicional chinês, caracterizado por uma sociedade patriarcal baseada na família. No sistema tradicional chinês, existe uma relação profunda entre lar e Estado, a casa faz parte da estrutura do Estado e a família é a base do país, ou seja, a manutenção da estabilidade familiar é a premissa da estabilidade nacional e através disso o patriarcado é utilizado como o núcleo essencial para a manutenção da estabilidade familiar (LI, 2018).

A sociedade chinesa reinava sobre um país administrado por um aparato estatal específico, fortemente centralizado e minuciosamente organizado, cuja gestão era assegurada pela famosa classe dos mandarins, uma hierarquia de funcionários recrutados por concurso e exercendo poderes extensos. (DABAT, 2006, pg 22)

Para melhor entendimento a respeito da colocação feita por Dabat, se faz necessário entender como era exercido o patriarcado chinês e deve-se levar em consideração que durante vinte séculos, a sociedade chinesa tradicional organizou-se de acordo com os princípios ditados pelo confucionismo²²(2006) o qual ditava a ordem social que serviria como meio de opressão do gênero feminino, passando em seus ensinamentos a base das regras sociais e a conduta da

²² Considerado uma filosofia, ética social, ideologia política, tradição literária e um modo de vida que compila e organiza antigas tradições da sabedoria chinesa e elabora uma doutrina assumida como oficial na China por mais de 20 séculos.

sociedade, que resultou em uma normalização da submissão feminina através de seus ensinamentos e provérbios.

Provérbios como: “o fio controla a agulha; o marido controla sua mulher” ou “as mulheres são como carrinhos de mão: se deixarem de bater nelas por três dias, se tornam inúteis”, são apenas alguns dos diversos exemplos de como a ideologia confucionista funcionava impondo a opressão e situando o papel da mulher no território familiar. O confucionismo pregava minimamente os estatutos sociais impostos e a atribuição de cada membro da família (2006). A função da mulher na família era um dos pontos principais para o funcionamento do pensamento confucionista, pois o confucionismo pregava o “princípio da obediência ao pai, enquanto solteira, depois ao seu marido e após a morte deste, a seu filho” (2006, pg 29), ou seja, a mulher chinesa sempre teria que servir a um homem, esteja ela na função de filha, mãe ou viúva, e seria ela a responsável em manter a harmonia das regras confucionistas dentro do seu lar, agindo assim como meio fortalecedor do Estado. No entanto, tais responsabilidades não eram vistas como virtudes para a sociedade e sim como uma obrigação de um gênero considerado por eles inferior, “as virtudes eram a fidelidade, o encanto físico, decoro na fala e nos atos, e diligência no trabalho doméstico.” (XINRAN, 2007, p. 123), atitudes estas que distanciavam a mulher como peça política na sociedade patriarcal.

A perpetuação das condutas utilizadas na sociedade patriarcal eram passadas pela própria família, mais especificamente pelas figuras masculinas dentro do lar, pois os pais eram os primeiros professores das crianças e passavam uma imagem do homem como dono da família enfatizando que à mulher não cabe o direito de falar e tomar decisões, (LI, 2018) este era o papel restrito dos homens da família, que agiriam e oprimiriam conforme sua posição familiar.

Tal conduta de exclusão das mulheres chinesas pode ser observada nas bases mais importantes do pensamento confucionista que são três e excluem as mulheres, neles estão inseridos, as relações entre: pai e filho; irmão mais velho e o mais novo; e, por fim, súbito e governante. Os tratamentos entre esses membros, dentro do lar, quanto ao respeito, obediência, ordem e hierarquia de poder, serão os mesmos que serão respeitados em toda a estrutura do Estado. Nesta estrutura rígida, “a mãe é a figura amorosa da família, não tendo poder. Ela não conta em

termos sociais, a sua condição é a de submissão máxima à estrutura.”(ALVES, 2007, p. 110) e para todo o sistema funcionar perfeitamente, a mulher chinesa deveria cumprir seu papel de submissão.

Não apenas a sociedade chinesa, mas também a estrutura do Estado, do vilarejo, da base ao trono, no topo, eram influenciadas pelo estatuto das mulheres como escravas, propriedade privada, força de trabalho e produtoras de filhos para as classes abastadas. A família era o terreno em que se cultivava a lealdade à autoridade do Estado. O pai era o autocrata supremo da família. A submissão da fêmea ao macho e do filho ao pai encontrava sua contrapartida na submissão do camponês a nobreza, do arrendatário ao senhor, do senhor ao soberano. (DABAT, apud, BELDEN, pg 28)

O papel da mulher chinesa estava tão enraizado na conduta social que uma tentativa de libertação da mulher ao estado de inferioridade só poderia resultar em uma mudança de toda a pirâmide social e em uma mudança tremenda na correlação das forças disputando o poder (2006), portanto, Dabat afirma que para mulher ignorância era virtude e ensinar uma mulher a ler e escrever era visto como perigoso, uma vez que a mulher poderia se envolver na hierarquia do lar e por consequência interferir nos assuntos de Estado, por conta disso eram proibidas quaisquer atividades intelectuais as mulheres.

Dentro deste raciocínio entende-se que o casamento era visto como a condição normal da mulher chinesa para o funcionamento da ordem social e eram onde aplicava-se as relações familiares, se tornando uma instituição central na vida das mulheres, porém a institucionalização do casamento teve raízes profundas quanto ao grau de submissão da mulher ao lar. O papel de esposa era garantido somente pela capacidade de reprodução de uma força de trabalho através da procriação de filhos e para a mulher chinesa não era permitido sentir prazeres, uma vez que era um ato não virtuoso e ia de encontro a imagem da mãe de família como ser puro. A institucionalização do casamento desconsiderava os desejos das mulheres chinesas e as colocavam em situações de completa subordinação a família dos maridos:

As vezes comprava-se uma menina antes que o marido tivesse nascido, como “nora por antecipação”, ou até mesmo, nas famílias mais ricas, obrigava-se a moça a casar com “o espírito” do marido defunto (DABAT, 2006, pg 45)

No caso de falecimento do marido, a mulher deveria ficar reclusa após a morte ou então no maior gesto de honra para a família e a sociedade, eram obrigadas a se matar, pois o suicídio incentivado pregava uma conduta de

castidade a viúva o que era bem visto e seria um comportamento virtuoso onde a família da vítima seria muito bem vista. Se o homem tivesse bens suficientes para adquirir parceiras sexuais ele poderia acrescentar na família as chamadas concubinas, mulheres usadas com a finalidade de deixar herdeiros machos para quando o homem da família morresse, e a elas sim era atribuído a função de proporcionar prazer aos homens, no entanto, as concubinas não faziam parte formalmente da família, pois eram mulheres adquiridas e não desposadas.

No entanto, a estrutura da sociedade chinesa se viu abalada no final do século XIX, por decorrência de intervenções estrangeiras, rebeliões populares, consumo de ópio que atingiu toda a China e gerou uma onda de cidadãos viciados onde o pai como dono do lar se encontrou no papel de dependente químico e a mulher passa a tomar a frente quanto as questões do lar. Além disso, a interferência estrangeira nas questões políticas do Estado chinês gerou um grande enfraquecimento do confucionismo, o que levou a uma mudança quanto as virtudes e condutas do país que não poderia mais agir conforme as bases ideológicas que subordinavam o sexo feminino, pois ele precisaria fazer parte do sistema para que uma nova ordem social influenciada pelo ocidente funcionasse dentro do país, o que gerou a necessidade da mulher chinesa fazer parte efetivamente da estrutura do Estado. Anos mais tarde o movimento soviético que mais tarde tomaria a China através do Partido Comunista Chinês, garantiu certos direitos as mulheres chinesas instalando a lei do casamento que garantia a liberdade do casamento e de divórcio, abolindo o casamento infantil, a concubinação e a compra de crianças-noras.

Contudo, esse novo sistema social instalado na China que forçadamente garantiu certos avanços quanto ao status feminino dentro da sociedade, sofreu um grande impacto com o início da segunda guerra mundial e a questão da opressão do gênero feminino é colocada em pauta novamente por consequência dos casos de violações em massa cometidos contra as mulheres chinesas durante o conflito armado.

2.2 A invasão japonesa e o Estupro de Nanquim.

Conforme citado no capítulo anterior, as guerras estrangeiras já vinham assolando a China por um longo período de tempo, no entanto o estudo de caso

retratado neste projeto, está associado ao conflito armado durante a segunda guerra mundial, porém diferente do início da data do conflito²³ para os ocidentais, a guerra para os chineses começou mais cedo, quando o Japão invadiu a Manchúria em setembro de 1931, iniciando uma nova guerra sino-japonesa. Em dezembro de 1937 japoneses invadiram Nanquim, as tropas japonesas se agruparam e marcharam em três direções diferentes para tomar a cidade, em contra partida, a China contava somente com um exército de 100 mil soldados para defender a até então capital do país, levando em consideração que somente cerca de 35 mil homens estavam realmente treinados e preparados para encarar a batalha (HONG, HU, 2010).

Como consequência da invasão, ocorreu um dos maiores episódios de violação em massa na história. Segundo Chang (1997) a violação de Nanquim foi provavelmente o pior exemplo de violação em tempos de guerra infligida a uma população civil (com a única exceção ao ocorrido as mulheres bengalis²⁴ por soldados paquistaneses em 1971). Estima-se que entre 20 a 80 mil mulheres foram estupradas durante a invasão, contudo os números variam tanto, pois se trata de um assunto de natureza delicada entre a sociedade chinesa, onde muitas das mulheres sobreviventes não admitiram publicamente para meios de estudo que foram vítimas dos ataques japoneses ou então que seus filhos foram fruto do estupro cometido em Nanquim, por consequência muitas crianças foram mortas por serem frutos da consumação do estupro.

Muito se sabe sobre a história através dos diários registrados por estrangeiros que decidiram ajudar a população chinesa de forma humanitária por consequência da omissão dos países e organizações internacionais perante o ocorrido, e das poucas testemunhas que sobreviveram ao estupro. (1997)

Vários nomes se destacam no que diz respeito a estrangeiros que registraram a história e criaram zonas de segurança próprias para a ajuda da população chinesa, no entanto trazer mulheres que estavam a frente é de extrema importância para poder enfatizar o danos causados ao gênero feminino durante o evento, por conta disso o exemplo de uma estrangeira que atuou na tentativa de salvar essas mulheres foi Minnie Vautrin, missionaria americana que estava em

²³ 1º de setembro de 1939

²⁴ Uma estimativa de 200,000- 400.000 mulheres foram violadas em Bangladesh durante um reinado de terror de nove meses na sequência de uma rebelião fracassada.

missão na China quando a invasão ocorreu, negando-se a abandonar o país, conforme ordem da embaixada americana em Nanquim, Vautrin registrou diversos acontecimentos desde um dia antes da invasão até o ano de 1940 e teve como objetivo, registrar detalhes dos horrores passados para poder contar a história, pelas mulheres que ela sabia que seriam esquecidas, além de criar uma zona de segurança para as vítimas e lutar para que os governantes internacionais se posicionassem e ajudassem no acolhimento as vítimas. Contudo boa parte dos relatos também foi registrado por uma chinesa, Tsen Shui-fang enfermeira que se juntou a Vautrin no campo de refugiados, registrando também diretamente o que ouvia das chinesas violentadas (HU, HONG, 2010).

Através dos diários e testemunhas a autora Iris Chang (1997) faz uma releitura dos acontecimentos demonstrando tanto a perspectiva das chinesas quanto dos estrangeiros envolvidos e afirma com clareza que mesmo para os próprios soldados japoneses (através dos próprios relatos por entrevistas a sobreviventes de guerra) que as mulheres chinesas foram as que mais sofreram durante o conflito. O início do terror para as chinesas começou quando receberam ordens dos militares chineses para deixarem seus lares imediatamente, se não o fizessem seriam consideradas traidoras e por consequência seriam fuziladas por interferirem nos planos militares. Sem proteção do Estado, sem recursos pessoais, sem um plano, tudo o que estas mulheres tinham era a esperança de que os japoneses as tratariam bem. Muito provavelmente convenceram-se de que, uma vez travados os combates, os japoneses as tratariam de forma civilizada e até que os próprios japoneses seriam melhores governantes depois de terem sido claramente abandonadas pelo próprio governo em a sua hora de necessidade (1997), porém tal pensamento foi logo desconstruído uma vez que os casos de violação começaram, segundo Chang:

This posed a terrible dilemma for the city's Young women, who were not sure whether to remain at home or to seek refuge in the International Safety Zone—the neutral territory guarded by Americans and Europeans. If they stayed in their houses, they ran the risk of being raped in front of their families. But if they left home in search of the Safety Zone, they ran the risk of being captured by the Japanese in the streets. (CHANG, 1997, pg 157)²⁵

²⁵ Isto representava um terrível dilema para as mulheres da cidade que não tinham a certeza se deveriam permanecer em casa ou procurar refúgio na Zona de Segurança Internacional - o neutro território guardado por americanos e europeus. Se elas ficassem nas suas casas, corriam o risco de serem violadas em frente das suas famílias, mas se saíssem de casa em busca do Zona de Segurança, corriam o risco de serem capturados pelo Japoneses nas ruas.

No entanto, mesmo nas zonas de segurança, japoneses atraíam os estrangeiros que protegiam os campos para fora deles e assim capturavam as mulheres chinesas “protegidas”. Soldados japoneses enviavam caminhões para ruas e vilarejos da cidade para capturar mulheres e após, a cada uma delas era atribuído entre 15 a 20 soldados para relações sexuais e outros tipos de abusos. Muitos acreditavam que as virgens violadas os tornariam mais poderosos em batalha. Os soldados eram até conhecidos por usarem amuletos feitos a partir dos pelos pubianos das vítimas, acreditando que possuíam poderes mágicos contra ferimentos (1997). A tortura psicológica se mostrou muito presente na prática do exército japonês, além de fisicamente violadas, essas mulheres passavam por situações envolvendo todas as formas de humilhação perante toda a família, o que poderia ser para algumas o pior tipo de violação, uma vez que já foi demonstrado que a família era a base da vida da sociedade chinesa e isso abalaria de forma tão profunda não somente a mulher como todas as formas de exercer o orgulho perante ao Estado. Chang cita alguns exemplos da tragédia ocorrido com elas:

Many soldiers went beyond rape to disembowel women, slice off their breasts, nail them alive to walls. Fathers were forced to rape their daughters, and sons their mothers, as other family members watched. (CHANG, ANO, pg 22)²⁶

As mulheres japonesas violadas em Nanquim pertenciam a todas as idades e classes, eram elas: esposas de agricultores, estudantes, professoras, esposas de empregados e até freiras budistas, algumas das quais foram violadas em grupo até à morte. Outro ponto importante a ser destacado está na maneira como os soldados japoneses eram sistemáticos no seu recrutamento de mulheres. Em Nanquim, soldados japoneses procuravam constantemente à medida que saqueavam casas e arrastavam os homens para a execução, buscando porta a porta exigindo dinheiro e hua gu niang²⁷(1997). As meninas chinesas foram violadas de forma tão brutal que segundo testemunhas, algumas não puderam andar durante semanas, muitas necessitaram de cirurgia e outras morreram no local. Testemunhas chinesas, afirmaram que avistavam com frequência meninas com menos de dez anos de idade nas ruas serem violadas e depois eram cortadas ao meio com uma espada. Em alguns casos, os japoneses abriam as genitais das

²⁶ Muitos soldados foram além da violação para estriparem as mulheres, cortar os seus seios, pregá-las vivas às paredes. Os pais foram obrigados a violar as suas filhas, e os filhos as suas mães, enquanto outros membros da família observavam.

²⁷ Termo utilizado para jovens garotas.

garotas com facas a fim de poder consumir o estupro de forma mais eficaz já em outros casos os soldados japoneses amarravam as garotas chinesas a luz do dia com as pernas abertas para que pudessem ser violadas por quem passasse. (HU, HONG, 2010)

Além disso não existia local para os abusos acontecerem, conventos e igrejas eram facilmente alvos dos soldados, pois sabiam que haveria uma grande concentração de mulheres nesses locais, nenhum lugar era demasiado sagrado para ser violado, conforme caso relatado por Vautrin, onde dezessete soldados violaram uma freira em sequência num seminário composto somente por mulheres. "Todos os dias, vinte e quatro horas por dia não houve uma hora em que uma mulher inocente não era arrastada para algum lugar por um soldado japonês (CHANG, 1997). As senhoras mais velhas também sofreram com os ataques:

When a woman of sixty-two protested to soldiers that she was too old for sex, they "rammed a stick up her instead." Many women in their eighties were raped to death, and at least one woman in that age group was shot and killed because she refused a Japanese soldier's advances. (1997, pg 157)²⁸

A família não podia interferir para impedir os casos de estupro constantes, para alguns existia a opção de assistirem suas filhas, mulheres e mães serem violadas sem que tomassem qualquer ação, pois ainda haveria uma pequena possibilidade de não serem fuzilados no local, no entanto na maioria dos casos, os homens eram logo exterminados, para que os soldados pudessem usufruir das chinesas como assim queriam, conforme relato abaixo:

Japanese soldiers came to the Chinese home at 5 Hsing Lu Kao in the southeastern part of Nanking. They killed the landlord when he opened the door, and then Mr. Hsia, a tenant who had fallen to his knees to beg them not to kill anyone else. When the landlord's wife asked why they murdered her husband, they shot her dead. The Japanese then dragged Mrs. Hsia from under a table in the guest hall where she had tried to hide with her one-year-old baby. They stripped her, raped her, then bayoneted her in the chest when they were finished. The soldiers thrust a perfume bottle in her vagina and also killed the baby by bayonet. Then they went into the next room, where they found Mrs. Hsia's parents and two teenage daughters. The grandmother, who tried to protect the girls from rape, was shot by revolver; the grandfather clasped the body of his wife and was killed immediately. (1997, pg 160)²⁹

²⁸ Quando uma mulher de sessenta e dois anos protestou aos soldados que era demasiado velha para o sexo, eles "empurraram um pau para cima dela". Muitas mulheres na sua década de oitenta foram violadas até à morte, e em pelo menos uma mulher nesse grupo etário foi baleada e morta porque ela recusou os avanços de um soldado japonês.

²⁹ Soldados japoneses chegaram à casa chinesa às 5 ,Hsing Lu Kao, na parte sudeste de Nanking. Eles mataram o senhorio quando ele abriu a porta, e depois o Sr. Hsia, um inquilino que tinha caído de joelhos

Através de diversos questionamentos a respeito da conduta do exército japonês, Chang (1997) procurou analisar veteranos de guerra japoneses, porém o que concluiu em sua maioria era que mesmo que houvesse uma certa culpa enquanto eles estavam violando as vítimas, após o “abate” eles olhavam para os corpos das vítimas e as viam como meros porcos, conforme o próprio relato do soldado japonês Tokokoro Kozo.

É de extrema importância ressaltar que não somente soldados estavam envolvidos nos atos de violação, não eram atos isolados gerados por indivíduos específicos, era fundada em toda uma estrutura militar que via os atos de estupro com normalidade, homens nos mais altos escalões do exército japonês, como oficiais, generais e comandantes também estavam envolvidos “Even Tani Hisao, the senior general and commander of the Japanese 6th Division, was later found guilty of raping some twenty women in Nanking”(1997, pg 91)³⁰. Para os que não participavam ativamente do ato, ajudavam a encobrir os rastros, matando as vítimas e silenciando as testemunhas, por mais que não houvesse, de forma jurídica qualquer tipo de julgamento quanto a estes tipos de crimes especificamente contra o gênero feminino, sabiam que poderia acarretar problemas futuros para as tropas japonesas.

O envolvimento da família imperial também era efetivo, o príncipe Osaka, comandante das tropas que invadiam Nanquim certamente estava presente durante as 6 semanas de horrores que assolavam as chinesas e deu a ordem para o extermínio em massa de milhares de chineses na cidade. Para os oficiais que se opunham acabavam por ser encaminhados para outros locais de batalha. Quando se começou a falar em uma possível retaliação internacional quanto a crimes envolvendo estupro, isto apenas incentivou os soldados japoneses a executarem suas vítimas depois do ato para que não restasse mulheres vivas que poderiam servir de provas contra eles. (1997)

para lhes implorar que não matassem mais ninguém. Quando a mulher do senhorio perguntou porque assassinaram o seu marido, mataram-na a tiro. Os japoneses arrastaram então a Sra. Hsia para debaixo de uma mesa no salão de hóspedes onde ela tinha tentado esconder-se com o seu bebê de um ano de idade. Despiram-na, violaram-na, e depois desmaiaram-na no peito quando terminaram. Os soldados enfiaram-lhe um frasco de perfume na vagina e também mataram o bebê pela baioneta. Depois foram para a sala ao lado, onde encontraram os pais e duas filhas adolescentes da Sra. Hsia. A avó, que tentou proteger as garotas da violação, foi alvejada por um revólver; o avô agarrou o corpo da sua mulher e foi morto imediatamente.

³⁰ Até Tani Hisao, o general superior e comandante da 6ª Divisão japonesa, foi mais tarde considerada culpada de violação de cerca de vinte mulheres em Nanking

O estupro de Nanquim não foi um evento isolado, ele gerou sequelas que perpetuam até os dias de hoje, como será demonstrado posteriormente. Após 6 semanas de duros ataques, milhares de vítimas e a pressão internacional que não podia mais omitir o que estava acontecendo, o governo japonês decidiu intervir para tentar controlar seu exército, criando as famosas casas de conforto.

2.3 As mulheres de conforto.

Uma das maiores consequências da violação em massa em Nanquim foi a resposta do governo japonês ao protesto maciço das nações ocidentais. Os militares japoneses esperavam reduzir a incidência de violações aleatórias de mulheres locais (diminuindo assim a oportunidade de crítica), para conter as doenças sexualmente transmissíveis que atingiam massivamente os soldados japoneses, através da utilização de preservativos, e para recompensar os soldados por combaterem a frente de batalha durante longos períodos de tempo. Em vez de punir os soldados responsáveis, o alto comando japonês fez planos para criar um gigantesco sistema subterrâneo de prostituição militar, um sistema que atrairia para a sua teia centenas de milhares de mulheres por toda a Ásia.

The Japanese Expeditionary Force in Central China issued an order to set up comfort houses during this period of time," Yoshimi Yoshiaki, a prominent history professor at Chuo University, observes, "because Japan was afraid of criticism from China, the United States of America and Europe following the cases of massive rapes between battles in Shanghai and Nanking. Pag 96³¹

A criação das casas de conforto foi feito através do recrutamento de mulheres para prostíbulo militares, mulheres estas que para fugir da morte, e da pobreza, optavam por participar com a intenção de participar com certo "consentimento" dos atos com a esperança que poderiam não passar pelos casos de humilhação e exposição extrema exercida pelo exército japonês e também com a intenção de barrar as ondas de violações que estavam ocorrendo contra as mulheres chinesas, porém na prática o que foi observado era que muitas mulheres foram atraídas para um esquema de escravidão sexual.

O sistema das mulheres de conforto foi implementado junto com um processo

³¹³¹ A Força Expedicionária Japonesa na China Central emitiu uma ordem para criar casas de conforto durante este período de tempo", observa Yoshimi Yoshiaki, um proeminente professor de história na Universidade de Chuo, "porque o Japão tinha medo das críticas da China, dos Estados Unidos da América e da Europa, na sequência dos casos de violações maciças entre batalhas em Xangai e Nanking.

de modernização “forçada” nos países dominados pelo Japão Imperial. O recrutamento dessas mulheres se deu de duas maneiras: a captura forçada de mulheres mais novas, ou através de um processo de seleção fraudulento – muitas mulheres relatam terem se inscrito para empregos em fábricas, e, no entanto, foram enganadas e encaminhadas para as estações de conforto. (ROLIM, 2018, pg 2)

Mais tarde, quando o mundo soube do plano japonês o governo recusou-se a reconhecer a responsabilidade da criação das casas de conforto, insistindo durante décadas que os empresários privados, não o governo imperial, dirigiu os militares em tempo de guerra a prostíbulos.

Su Zhiliang, historiador chinês dá uma estimativa e especula que o número de mulheres vítimas varia entre 360,000 e 410,000 (ROLIM, 2018). Foi um sistema que se concretizou na China e se espalhou por toda a Ásia, gerando uma rede de prostituição militar internacional. A questão das "mulheres de conforto", a propagação do turismo sexual, o movimento das tropas de um distrito de entretenimento militarizado para outro em toda a Ásia, as agressões sexuais de homens militares contra as mulheres locais, tudo isto foi resultado da atitude japonesa e de um sistema internacional que colabora com a exploração sexual do gênero feminino. (ENLOE, 2000).

Desse modo, as mulheres coreanas, chinesas e de diversos outros lugares ganham o direito de viver da soberania japonesa devida a sua necessidade para “acalmar os ânimos” dos militares japoneses, mas vivem em “estado de injúria,” com um estado de dor atrelado aos seus corpos. (ROLIM, 2018, pg 4)

Em realidade, as condições destes bordéis eram sórdidas para além da imaginação da maioria das pessoas civilizadas. Números não contados das mulheres de conforto, tiraram as suas próprias vidas quando aprenderam o seu destino; outras morreram de doenças ou homicídio. Aquelas que sobreviveram sofreram uma vida inteira de vergonha, isolamento, esterilidade, ou saúde arruinada.

Por consequência da maioria das vítimas virem de culturas em que a castidade era idealizada nas mulheres, mesmo as que sobreviveram raramente falavam sobre as suas experiências por medo de enfrentar mais vergonha e zombaria. Como o Confucionismo asiático pregava a pureza feminina como uma virtude maior do que a vida, perpetuou a crença de que qualquer mulher que poderia viver uma experiência tão degradante e não cometesse suicídio, seria uma

afronta para a sociedade chinesa. Daí, meio século passou antes de algumas das mulheres de conforto encontrarem a coragem de quebrar o seu silêncio e de procurar compensação financeira do governo japonês para o seu sofrimento.

Todos os fatores citados no final deste capítulo como estupros, imposição da subordinação da mulher ao Estado, prostituição e falta de envolvimento internacional em questões que contornam o gênero feminino em cenários de guerra, são assunto que são retratados pela teoria feminista, onde algumas autoras encontram um padrão nos atos do que é chamado por elas de sociedade civil militarizada, tal padrão é utilizado para desconstruir a ideia de normalidade imposta pelo sistema internacional no que diz respeito as necessidades masculinas em tempos de guerra e explicam que existe uma militarização da vida das mulheres a qual será exemplificada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO ESTUPRO DE NANQUIM ATRAVÉS DA PERSPECTIVA FEMINISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

3.1 Violência sexual militarizada.

As teóricas feministas das Relações Internacionais tem dedicado boa parte dos seus estudos na tentativa de “dar sentido” ao complexo sistema de militarização da vida das mulheres, conceito que não envolve somente mulheres soldados em campo de batalha, mas principalmente o que acontece quando o gênero feminino se encontra em locais de conflito, principalmente no que diz respeito aos casos de violações sexuais. Contudo acreditam que não somente a exposição de violações militarizadas vão servir para desmilitarizar a vida das mulheres, pois existe toda uma estrutura internacional fundada no patriarcalismo que colabora com as ações exercidas pelo gênero masculino em momentos de guerra, além de que tornar visíveis as mulheres violadas pelos soldados é normalmente uma tarefa difícil.

Tickner (1992) relaciona a militarização da vida da mulher através de uma associação da feminilidade à paz, que dá apoio a uma masculinidade idealizada que precisa construir a imagem das mulheres como vítimas passivas que necessitam de proteção e contribui para a afirmação de que as mulheres são seres ingênuos em assuntos relacionados à política internacional. Por consequência, seriam o elo mais fraco na estrutura do Estado, tendo em vista que uma noção de cidadania enriquecida e militarizada é essencial, o que condiz com o pensamento passado durante séculos pelas escolas tradicionais a respeito da manutenção da paz, portanto o Estado não pode ser construído sobre uma base considerada fraca. Exemplo claro disto, estava na conduta chinesa mencionada anteriormente, na qual os princípios confucionistas ditavam a fragilidade do gênero feminino e não permitia a intromissão da mulher chinesa em questões políticas.

Portanto observa-se que existiu uma reprodução da masculinidade hegemônica dentro da sociedade chinesa e apenas se difere na maneira que exerce e que militariza a vida das mulheres, adaptando-se aos cenários, porém seguindo o padrão de inferioridade quanto as questões que contornam o gênero feminino. Com base nesse pensamento, as autoras feministas procuram aprofundar seus estudos quanto a construção dos comportamentos realizados por militares e como a própria estrutura militar possui em sua essência um caráter misógino. A autora Cynthia Enloe (2000) se tornou uma figura importante no debate feminista dentro das Relações Internacionais por dedicar boa parte dos seus estudos a respeito da posição da mulher em uma estrutura de Estado militarizado, para a autora os militares e as elites civis militarizadas constroem uma imagem de "poucas mulheres boas", pois os decisores políticos militares dependem da posição da mulher submissa e assim manobram para controlar as vaidades das mulheres, e da própria noção de feminilidade em todas os seus aspectos.

Sexismo, patriotismo, violência, e Estado são assuntos que sempre existiram quando se trata em analisar o gênero dentro de conflitos armados. Tal afirmação é feita pois conforme Enloe (2000) alega em uma estrutura militar, os militares dependem das mulheres, mas nem todas as mulheres experimentam a militarização de forma idêntica. O papel da mulher na estrutura militarizada varia conforme a necessidade do gênero masculino. Em alguns casos os militares têm precisado, e continuam a precisar, de mulheres para fornecer serviços sexuais sejam eles de forma comercializada ou em termos de violação, já outras mulheres servem para se comprometerem com a fidelidade conjugal em famílias militares e por último, com o aumento da luta feminista a respeito da inclusão de mulheres em diversos setores, servem apenas para preencher as lacunas que sobram com a finalidade de demonstrar uma supérflua representatividade feminina e positiva dentro dos exércitos, no entanto sempre demonstrando a posição de submissão ao gênero masculino simultaneamente.

Em seus estudos, Enloe (2000) também demonstrou como as forças armadas podem ser uma ameaça mesmo para as suas próprias populações; "ser mulher é uma ameaça à vida de formas especiais devido a práticas sociais que colocam as mulheres em risco em virtude do seu sexo"(2000, pg, 55) Assalto, infanticídio feminino, negação de acesso à saúde e nutrição, violação, casamento forçado e tráfico são violações de direitos que as mulheres sofrem por causa do

seu sexo, esse padrão dos atos exercidos pelos militares e pela sociedade civil militarizada através da masculinidade hegemônica contra as mulheres perpetua tanto na área doméstica quanto na internacional.

In militarized societies women are particularly vulnerable to rape, and evidence suggests that domestic violence is higher in military families or in families that include men. with prior military service (TICKNER,1997, pg38)³²

No que diz respeito mais especificamente aos casos de estupro cometidos em conflitos armados são diversas as formas em que ele ocorre, contudo existe um padrão entre a militarização e as violações que estão ligadas a maneira de como o estado militarizado, masculino e hegemônico, enxergam o corpo da mulher como troféu de guerra. Portanto diversas são as circunstâncias que expõem a mulher a violação, seja ela exercida por um soldado masculino de uma mulher que ele considera estrangeira (conforme ação dos soldados japoneses contra as mulheres chinesas), uma violação por um soldado masculino individual de uma mulher civil da mesma nacionalidade enquanto esse soldado está "fora de serviço", violação por um soldado masculino a uma mulher soldado no mesmo exército, estupros como meio de interrogatório, torturas psicológicas, entre outros.(2000) Existem tantas formas diferentes de violação militarizada, algumas com nuances “sutis” aonde os homens militarizados entendem sua superioridade de gênero e praticam os atos com a intenção de afetar os pontos mais fracos no que se refere a atacar a própria imagem de feminilidade criada pela sociedade patriarcal.

Tal afirmação está relacionado ao ocorrido em Nanquim, pois os soldados propositalmente violavam as mulheres chinesas na frente de suas famílias, com a intenção de expor a mulher ao maior nível de humilhação, sabendo que para a sociedade chinesa, a família é o principal instrumento da vida da população e do Estado, causando assim feridas tão profundas na alma que muitas vezes eram maiores que as físicas, ou seja a violência não era completa irracionalidade, praticada durante o abuso, ela era, com efeito, um instrumento para a submissão da mulher, agressões essas pautadas nas assimetrias de poder entre os gêneros e no uso do terror e da força (SILVA, 2011) "Para algumas

³² Nas sociedades militarizadas as mulheres são particularmente vulneráveis à violação, e as provas sugerem que a violência doméstica é maior nas famílias militares ou nas famílias que incluem homens. com serviço militar prévio.

mulheres, a vida nunca mais será a mesma; enquanto os homens podem seguir em frente, casar de novo e constituir novas famílias, as mulheres vítimas de violação não têm essa hipótese. Embora sejam vítimas, as suas vidas são para sempre manchado pelo estigma social associado à violação”. (ENLOE, 2000)

Sexual violence is a broader category that includes rape, nonpenetrating sexual assault, mutilation, sexual slavery, enforced prostitution, enforced sterilization, and forced pregnancy. (Sexual violence differs from the broader category of gender violence in that the latter includes violence that occurs because of the victim’s gender without necessarily including sexual contact. (2000, pg125)³³

As teóricas feministas afirmam que é muito comum e inevitável que as violações sejam cometidas por regimes que vêm oposição política através do prisma da segurança nacional, como o exemplo do Japão durante a 2ª Guerra Mundial, é possível verificar uma clara dominação nipônica imperial sobre os corpos dos países/regiões os quais ele colonizou. (ROLIM, 2018), ou seja, existe uma relação entre domínio do território e domínio do corpo feminino onde a dominação do território está atrelada a dominação por completo do gênero que é considerado inferior. Relacionando a isto, algumas autoras se aprofundam ao afirmar que durante invasões em conflitos armados, o sentido de colonização se aprofunda e as mulheres do local “perdem” sua nacionalidade e passam a ser consideradas somente objetos conquistados por soldados. Outra maneira muito comum do homem militarizado demonstrar a colonização do território sobre a mulher é através da violação com a intenção de gerar uma gravidez, idealizando e forçando um novo povoamento do local com a nacionalidade do agressor, ou seja, quando um soldado viola uma mulher, ele está cometendo uma série de atos para aniquilar a diferença, ou seja, a cultura, ao mesmo tempo que talvez aumente a sua própria (ENLOE, 2000).

No que diz respeito ao baixo índice de testemunhas das vítimas do estupro em Nanquim, Enloe (2000) explica que normalmente existe uma relação entre os estupros e a ausência de testemunhos das mulheres que foram vítimas de estupros militarizados, com o fato de terem que processar, as vezes durante dias, meses ou anos o ocorrido, não levando em consideração somente o ato com o

³³ A violência sexual é uma categoria mais ampla que inclui violação, agressão sexual não penetrante, mutilação, escravatura sexual, prostituição forçada, esterilização forçada, e gravidez forçada. (A violência sexual difere de a categoria mais ampla de violência de gênero, na medida em que esta última inclui a violência que ocorre devido ao sexo da vítima, sem necessariamente incluir contacto sexual).

agressor, mas também o impacto entre suas relações pessoais e sociais, o que isto significa é que conforme a lógica feminista, as mulheres utilizam diferentes roteiros sobre a sua reintegração na sociedade. Significa que é mais provável que elas se desleixem em casa de forma anônima (com a sua gravidez ou o seu bebê) e tentem manter tudo isto em silêncio. A sua estratégia é o sigilo e a esperança de um eventual casamento, que na sociedade chinesa é tido como um suposto estatuto da mulher.

Além disso, as feministas queriam fazer notar que não apenas um caso de violação em um cenário de guerra específico, deve ser analisado, elas afirmam que é necessário enfatizar as relações das doutrinas de segurança nacional dos governos e a violência sexual masculinizada exercida por homens de qualquer nacionalidade, "a violação em tempo de guerra nunca é verdadeiramente individual"(2000), mas uma parte integrante do sistema que assegura a manutenção da subordinação das mulheres". Não é um caso novo e isolado e sim um sistema que funciona em diversos países e não foi uma reprodução somente do Japão, pois o mundo não foi mantido no escuro sobre a Violação de Nanking; as notícias do massacre chegavam continuamente ao público global enquanto os acontecimentos se desenrolavam. (CHANG, 1997)

Amazingly, when the massacre began, Japanese newspapers ran photographs of Chinese men being rounded up for execution, heaps of bodies waiting for disposal by the riverside, the killing contests among the Japanese soldiers, and even the shocked commentary of the reporters themselves. (1997, pg 242)³⁴

Para as autoras feministas, essa neutralidade dos países ocidentais está atrelada a superioridade masculina que sugere que dar a vida pelo próprio país foi e ainda é considerado a forma mais elevada de patriotismo, enquanto que os homens têm estado associados à defesa do Estado e ao avanço dos seus interesses internacionais como soldados e diplomatas, as mulheres têm estado tipicamente envolvidas nos papéis de "ordenação" e "reconforto", o que demonstra que o papel das mulheres a respeito à segurança nacional tem sido ambíguo, pois é definido como aqueles que o Estado e os seus homens estão a proteger. Porém as mulheres têm tido pouco controlo sobre as condições relevantes a sua proteção. As mulheres

³⁴ Surpreendentemente, quando o massacre começou, os jornais japoneses publicaram fotografias de homens chineses a serem reunidos para execução, montes de corpos à espera de serem eliminados pela margem do rio, os concursos de morte entre os soldados japoneses, e até os comentários chocantes dos próprios repórteres.

agredidas em conflitos frequentemente são vistas como "vítimas precipitadas", não são levadas tão a sério como outras agressões criminosas. (TICKNER, 1992)

Através de uma análise profunda dentro da própria disciplina das Relações Internacionais, a teoria feminista alega que boa parte da disciplina foi fundada por correntes teóricas que enfatizam a representação das obras de Maquiavel a respeito do mundo político e afirmam que sua noção de cidadania é profundamente sexuado, pois depende de uma imagem de verdadeira virilidade, no entanto esse conceito perpetuado durante gerações tanto por meios de estudo como análise real do sistema internacional, exige qualidades que são superiores às que são naturalmente herdadas nos homens onde para Maquiavel³⁵ o triunfo na guerra, honra e liberdade na vida cívica, e pensamento crítico independente e virilidade na vida pessoal (1992), a fortuna e a virtude estão em combate permanente: ambas são supremamente sexuadas construções que envolvem uma noção de masculinidade que está ligada à conquista da mulher. Através das próprias palavras de Maquiavel, "A sorte é uma mulher, e é necessário se a quiseres dominar, para a conquistares a força " (BROWN, 1988, apud TICKNER, 1992) o que explica a necessidade de demonstrar essa virilidade com atitudes que denigrem o gênero feminino, fazendo com que a vida da mulher militarizada passe por diversas transições, o que foi nitidamente demonstrado na transformação das violações em massa para a criação das casas de conforto, com a intenção de através de manobras políticas, o Estado continuar a demonstrar a virilidade masculina perante o gênero feminino.

3.2 Sobre a prostituição.

A respeito da "transformação" dos casos de violação em massa cometidos contra as mulheres chinesas para a criação das casas de conforto, a teoria feminista afirma que existe um elo entre violação e prostituição, pois a violência sexual assume a forma de prostituição, uma vez que muitas mulheres eram forçadas a servir em bordéis militares em cidades e em campos. Embora algumas voluntariaram-se para servir nos bordéis como uma forma de sobreviver na terrível circunstância da ocupação, outras foram forçadas a servir sob ameaça

³⁵ É reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pelo fato de ter escrito sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser.

de morte ou internamento. Tanto para Tickner (1992) quanto para Enloe (2000), a violação transformada em prostituição vai muito além de uma imposição firmada por um Estado que militarizou a vida dessas mulheres, pois muitas delas passaram a se considerar "mulheres baixas", mesmo antes de entrarem na prostituição, uma vez que tinham perdido o estatuto social e o respeito próprio através da violação, do sexo, e/ou gravidez fora do casamento.

A violação militarizada e a prostituição militarizada são frequentemente tratadas pelos decisores políticos como se estivessem divididas por uma linha cultural, tentam falar da prostituição como algo natural e não algo político, quando na verdade, segundo as feministas, esta divisão é menos marcada por realidades culturais do que por um muro fortificado de ideias e práticas construído pelos próprios decisores políticos. Esta separação imaginária entre violação militarizada e prostituição militarizada serve os interesses de muitos oficiais patriarcais: permite-lhes discutir a violação e a prostituição como se os seus perpetradores e as suas vítimas fossem totalmente diferentes. Na prática, no mundo da elaboração de políticas militares, os oficiais pensam na violação e prostituição em conjunto.

Providing organized prostitution to male soldiers is imagined to be a means of preventing those same soldiers from engaging in rape. It was this sort of thinking, connecting rape to prostitution. (2000, pg, 111)³⁶.

Esse processo de militarização foi tanto patriarcalmente sexuado como sexualizado que de acordo com documentos recentemente descobertos, o exército imperial criou um total de 130 prostíbulos militares somente na região de Okinawa. Portanto para os tomadores de decisões ainda existe uma linha tênue do que é de fato ou não associado a prostituição.

No mention of military prostitution appeared in the American government delegation's final list of proposals to the UN conference in Beijing. It is not yet clear why. Whether or not prostitution should be seen as a violation of women's human rights, in the same way that domestic violence has been increasingly understood to be, remains a question of some controversy among women advocates, including those who attended the Beijing conference in 1995. (2000, pg 50)³⁷

³⁶ Fornecer prostituição organizada a soldados homens é imaginado como um meio de evitar que esses mesmos soldados se envolvam em violações. Era este tipo de pensamento, ligando a violação à prostituição.

³⁷ Nenhuma menção à prostituição militar apareceu na lista final de propostas da delegação do governo americano para a conferência da ONU em Pequim. Ainda não é claro porquê. Se a prostituição deve ou não ser vista como uma violação dos direitos humanos das mulheres, da mesma forma que a violência doméstica tem sido cada vez mais entendida, continua a ser uma questão de alguma controvérsia entre as defensoras das mulheres, incluindo as que participaram na conferência de Pequim.

Conforme citado anteriormente, as zonas de conforto foram criadas para acalmar os nervos dos soldados japoneses durante a guerra, no entanto, foram utilizadas por diversas nacionalidades, principalmente pelos soldados americanos em sua invasão ao Japão. A economia política do sexo ocidental, incentivou a construção e manutenção das zonas de conforto, portanto não seria útil julgar ou dar importância, uma vez que as nações ocidentais incentivaram o turismo sexual que persiste até hoje nos países asiáticos. Cynthia Enloe (2000) descreveu estruturas sociais em vigor, relatando sobre bases militares no estrangeiro onde as mulheres são frequentemente raptadas e vendidas para a prostituição o que afirma que o sistema de relações sexuais militarizadas, não foi, conforme alegado por eles, consequência do triunfo internacional do capitalismo e sim faz parte de uma cultura do turismo sexual criada pela própria sociedade civil militarizada.

O envolvimento internacional e a perpetuação do turismo sexual nos países invadidos durante o conflito da segunda guerra mundial e os casos de violações cometidos por outras nacionalidades além da japonesa, tiveram um grande impacto no que diz respeito ao julgamento que deveria retratar os crimes de guerras cometidos pelos japoneses contra toda a sociedade chinesa, em especial as mulheres chinesas.

3.3 Sobre o julgamento.

O Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, também conhecido como Tribunal de Tóquio, começou na capital do Japão dia 3 de maio de 1946, com a intenção de julgar os crimes cometidos pelo império japonês, durante o período da Segunda Guerra Mundial. O tribunal atraiu mais de 200.000 espectadores e 419 testemunhas. A transcrição do julgamento abrangeu 49.000 páginas, continha 10 milhões de palavras, e incluía 779 depoimentos e 4.336 exposições. Considerado "o julgamento do século", durou dois anos e meio, três vezes mais do que os julgamentos realizados no tribunal de Nuremberg.³⁸ Um total de onze juízes, exclusivamente homens, presidiram o tribunal, um para cada potência vitoriosa Aliada: (Estados Unidos da América, República da China,

³⁸ Foram numa série de tribunais militares, organizados pelos Aliados, depois da Segunda Guerra Mundial, e referentes aos processos contra 24 proeminentes membros da liderança política, militar e econômica da Alemanha Nazista.

União Soviética, Reino Unido, Países Baixos, Governo Provisório da República Francesa, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia Britânica e Filipinas).(BROOK, 1999)

Foram julgados torturas, assassinatos, experimentos médicos, mas não foi dada uma atenção específica aos casos de violação em Nanquim, não foi do tipo de incidente isolado comum a todas as guerras, foi deliberado e político. Muito foi questionado sobre o que era conhecido em Tóquio e através disso o tribunal concluiu também que o governo japonês tinha estado bem ciente das atrocidades em Nanquim, os crimes afinal de contas, ocorreram em vista da embaixada japonesa. (CHANG,1997), no entanto o governo não foi culpabilizado e à criação das casas de conforto não foi dada muita atenção, uma vez que não culpabilizaria somente o Japão por estes atos. A culpa das atrocidades sobre as mulheres de Nanquim recaiu sobre Matsui Iwane, comandante da China Central do Japão e Força Expedicionária, Matsui serviu como alvo óbvio:

Historians have suggested that Matsui may have served as the scapegoat for the Rape of Nanking. A sickly and frail man suffering from tuberculosis, Matsui was not even in Nanking when the city fell. (1997, pg, 337)³⁹

Sylvester (2001) analisa os tribunais criados para julgar crimes de guerras e enfatiza a necessidade da luta feminista nessas áreas, pois para a autora, mesmo que um caso de violação seja colocado em pauta durante um julgamento internacional, os esforços, no entanto, rendem apenas parcial reconhecimento. A investigação da paz é dominada pelos homens e os estudos da ordem mundial omitem as mulheres das suas competências, marginalizam-nas ao concentrarem-se mais nos horrores da guerra nuclear do que nos de violação, ou simplesmente não conseguem atrair mulheres para cargos ligados a paz como nas empresas de investigação que são orientadas por homens. A autora acredita que a ausência ou a pouca presença de mulheres em cargos e tribunais internacionais, conforme a composição do júri no Tribunal de Tóquio, interfere na maneira em que o mundo examina os crimes cometidos em guerra, tornando o gênero feminino apenas um figurante do conflito e focando em questões que contornam apenas a masculinidade hegemônica.

³⁹ Os historiadores sugeriram que Matsui pode ter servido de bode expiatório para a violação de Nanking. Um homem doente e frágil que sofria de tuberculose, Matsui nem sequer estava em Nanking quando a cidade caiu.

Typically, when rape happens in the midst of war, no individual soldier-rapists are identified by the victims, by their senior command, or by the media (if there). The women who suffer rape in wartime usually remain faceless as well. They merge with the pockmarked landscape; they are put on the list of war damage along with gutted houses and mangled rail lines. Rape evokes the nightmarishness of war, but it becomes just an indistinguishable part of a poisonous wartime stew called "lootpillagelandrape." ENLOE pg 108⁴⁰

O massacre e violação de dezenas de milhares de civis em Nanquim teve lugar em contravenção de todas as regras de guerra, no entanto não existe especificamente uma que enfatize o estupro como crime em momentos de guerra. Chang (1997) alega que é impressionante o fato ter sido um tumulto público, evidentemente concebido para aterrorizar. Foi realizado em plena vista de observadores internacionais e, em grande parte, independentemente dos seus esforços para o impedir. E não se tratou de um lapso temporário de disciplina militar, pois durou semanas.

"Women's rape stories were framed in incredibly complicated ways, shaped by their audience and the motives behind their telling. Their experiences were ordered and given meaning within a complex grid of multiple images and discourses." (1997, pg 9)⁴¹

Dabat (2006) afirma que diversos setores defendem que os crimes cometidos pelas autoridades militares japonesas são fatos passados e que não foram tão graves, outros didáticos se referem ao tema com a expressão "incidente" em Nanquim. "In September 1986, Fujio Masayuki, the Japanese minister of education, sabotaged his career when he declared that the Rape of Nanking was "just a part of war." (CHANG, 1997, pg 379)⁴². Houve uma grande resistência das autoridades judiciais a conceder reparações as vítimas, tanto as chinesas violadas durante o evento, quanto as consideradas mulheres de conforto, por conta disso as feministas acusaram o sistema político internacional de não estar continuamente disposto a levar a sério todos os tipos de violência contra as mulheres, através da afirmação que "the bases were what mattered, not "normal" male violence toward

⁴⁰ Normalmente, quando a violação acontece no meio da guerra, nenhum soldado-abusador individual é identificado pelas vítimas, pelo seu comando superior, ou pelos meios de comunicação social (se existirem). As mulheres que sofrem violação em tempo de guerra geralmente também permanecem sem rosto. Elas fundem-se com a paisagem de bolso; são colocadas na lista de danos de guerra juntamente com casas e linhas de caminho-de-ferro esventradas. A violação evoca o pesadelo da guerra, mas torna-se apenas uma parte indistinguível de um guizado venenoso em tempo de guerra chamado "lootpillagelandrape".

⁴¹ As histórias de violações de mulheres foram enquadradas de formas incrivelmente complicadas, moldadas pelo seu público e pelos motivos por detrás da sua narração. As suas experiências foram ordenadas e receberam um significado dentro de uma rede complexa de múltiplas imagens e discursos

⁴² Em Setembro de 1986, Fujio Masayuki, o ministro japonês da educação, sabotou a sua carreira quando declarou que a violação de Nanking era "apenas uma parte da guerra.

women” (ENLOE, 2000, pg 122)⁴³ para o sistema internacional as vítimas de violação em tempo de guerra são um resultado de uma prática normal, e não de uma tradição, será mais difícil tratar as consequências como apolíticas, ou seja, é mais fácil dizer que é questão cultural de um local do que associar a uma política internacional e um sistema patriarcal.

Destaca-se ainda que mesmo os chefes de Estados poderiam ser processados pelos tribunais, como o exemplo da família imperial japonesa, tendo em vista que a imunidade destes não apresentava validade no âmbito da jurisdição internacional (SALIBA, SANTIAGO, 2018) no entanto na prática não ocorreu desta maneira. O tribunal internacional pecou no que diz respeito a sensibilização a violência contra a mulher. Em julgamentos dos processos criminais inseridos na jurisdição dos tribunais internacionais, não houve o destaque do tema da violência sexual, ainda que as mulheres tivessem sofrido um número massivo de estupros. (2018)

Quatro anos após a instituição dos citados tribunais internacionais, os direitos das mulheres contra a violência sexual foram claramente assegurados nas Convenções de Genebra de 1949. Entretanto, embora a regra exista, não há uma previsão explícita para casos de prática de violência sexual em conflitos armados. Por essa razão, torna-se necessária uma interpretação da prática de estupros em contexto de guerra como uma das condutas graves previstas nas Convenções de Genebra. (2018 pg 497)

Foi apenas em 2016, que houve o primeiro julgamento onde o ex-vice presidente da República Democrática do Congo (RDC) foi considerado culpado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) pela ocorrência de crimes de guerra e crimes contra a humanidade no que envolve casos de violência sexual. Em particular, a sentença representa um importante avanço no campo do Direito Penal Internacional: pela primeira vez desde o começo de seu funcionamento, em 2002, o TPI reconheceu e condenou o estupro como crime de guerra.

Ao chamar o evento do Estupro de Nanquim como o holocausto esquecido, Chang faz comparações a outros eventos históricos os quais qualquer estudante seja onde esteja possui ao mínimo um breve conhecimento sobre o tema, entretanto quando se trata da violação em massa ocorrida em Nanquim, as guerras acontecidas no pacífico ficaram limitadas somente ao evento de Pearl Harbor e Hiroshima, a autora explica que provavelmente a diferença seria a ausência de

⁴³ as bases eram o que importava, não a violência masculina "normal" contra as mulheres

culpa das autoridades japonesas, que agiu diferente do governo alemão que se responsabilizou pelos atos, o que forçou a população a encarar os atos e não a esquece-los, culpando não somente soldados individuais, mas sim o próprio governo, porém é importante salientar que os outros eventos mencionados e comparados não possuem em sua temática um grande teor a respeito de atos contra o gênero feminino, o que através da teoria feminista, essa seria a explicação quanto a omissão do estudo do evento e a importância dada mundialmente pelas potências mundiais.

Contudo as teorias feministas das Relações Internacionais não se limitam a analisar os casos, pois também se preocupam em mostrar uma nova perspectiva que poderia ser aplicada no sistema internacional, com a finalidade de desconstruir a imagem masculina hegemônica firmada durante anos tanto pelas teorias tradicionais quanto pelo próprio sistema internacional em si que possui em sua essência um caráter patriarcal.

Uma boa alegação a respeito das conferências de paz com o objetivo de acabar com as guerras, onde a violação tem sido uma estratégia de combate, poderia haver uma mudança que seria aplicada através de mulheres na fila de diplomatas (SYLVESTER, 2001), pois trariam uma versão de cidadania que dependeria menos de valores militares e mais de um reconhecimento igual das contribuições das mulheres para a sociedade. Tal noção de cidadania não pode, contudo, surgir até que os mitos que perpetuam os pontos de vista das mulheres como vítimas e não como agentes, forem eliminados. (TICKNER, 1992)

Pode-se então concluir que face ao que é geralmente visto como um ambiente internacional perigoso, os Estados classificaram segurança nacional em termos das suas prioridades políticas e o Estado conduz os seus assuntos na "sombra inquietante da violência", o que irá gerar um julgamento com o mesmo embasamento. A segurança do Estado é vista como um valor que é geralmente apoiado inquestionavelmente pela maioria dos cidadãos, particularmente em tempo de guerra, porém ao assegurar a segurança do Estado, o governo consequentemente não garante a segurança da mulher, pois a segurança do Estado não assegura a segurança social dos indivíduos.(1992)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A militarização da vida das mulheres não ocorre simplesmente em locais específicos, as violações em Nanquim não foram um caso isolado, até os dias de hoje são registrados constantemente quando se trata de conflitos armados, diversos casos de violações contra as mulheres. Tal conceito de militarização privilegia a masculinidade, manipulando os significados tanto da feminilidade como da masculinidade. Os fatos apresentados no projeto sugerem, que a militarização que gera a violação de um gênero específico, não acontece apenas, ela requer decisões, decisões estas tomadas tanto por civis como por governantes. E embora as suas decisões sejam geralmente bastante auto-conscientes, os decisores militarizados não percebem que fazem parte de uma estrutura em que a lógica do poder e submissão da mulher se tornou normalizada por conta de seus próprios atos.

O movimento feminista tem sido responsável por revelar quão dependente está qualquer processo de militarização de certas ideias sobre feminilidade e sobre o trabalho e as emoções das mulheres. Mulheres estas que ao longo dos séculos estão sempre se ajustando a constantemente a cenários que pregam a inferioridade, com a finalidade de sobreviver. A maioria dos estudiosos convencionais que discutem as causas da guerra tratam a feminilidade e as mulheres como “apenas parte do processo”. O evento principal, está sempre concentrado no desempenho da masculinidade e as escolhas públicas feitas pelos homens de elite.

Para tanto, definir a segurança em termos da eliminação da violência física, estrutural contra a mulher e uma nova estruturação da sociedade civil militarizada é bastante compatível com as teorias feministas que há muito se preocupam com todas estas questões. Pensando em segurança em termos multidimensionais permite-nos fugir à priorização de questões militares, questões que têm estado no centro da agenda das Relações Internacionais tradicionais, mas que são as mais afastadas das experiências das mulheres. Muitos dos valores

promovidos pelos defensores da segurança comum são semelhantes às características que, na nossa cultura, estão associadas à feminilidade. No entanto, nada deste novo pensamento tem considerado a segurança de uma perspectiva de gênero, pois qualquer perspectiva feminista argumentaria que uma verdadeira segurança global não pode ser alcançada enquanto as relações de dominação e subordinação de gênero não forem eliminadas.

REFERÊNCIAS

- BROOK, Timothy: **Documents on the rape of Nanking**. Michigan. The university of Michigan Press, 1999
- CHANG, Iris. **The Rape of Nanking: the forgotten holocaust of World War II**. New York: Penguin Books, 1997.
- CHANG, Jung. **Cisnes selvagens: três filhas da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DABAT, Christine. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**: Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.
- ENLOE, C. **Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics**. Berkeley: University of California Press, 1990.
- ENLOE, Cynthia. **Maneuvers: The International Politics of Militarizing Women's Lives**. Berkeley: University of California Press, 2000
- HONG, Zhang. HU, Hua. **The Undaunted Women of Nanking**. Illinois. Southern Illinois University Press, 2010
- LI, Jianing. **A cultura chinesa no romance amor e dedinhos do pé**, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2018.
- MONTE, Izadora Xavier do. **O Debate e os Debates: Abordagens Feministas para as Relações Internacionais**. Florianópolis, 2013.
- ROLIM, Maria. **As “mulheres de conforto”: o corpo como território**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2018.
- SALIBA, Mauricio. SANTIAGO, Brunna. **Feridas da alma: Análise da tipificação do estupro como genocídio à luz de uma criminologia feminista**. Belo Horizonte, UFMG, 2018.
- SCOTT, Joan W. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/sexuality_and_the_body/bibliography/joan_scott_gender_1986.pdf>.
- SILVA, Altino. **O “Massacre de Nanking” e a violência de gênero contra as mulheres, China (1937-1938)**. Vitória, 2011.
- SPENCE, Jonathan D. **Em Busca da China Moderna**. São Paulo: Companhia

das Letras, 1996.

SYLVESTER, Christine. **Feminist International Relations: An Unfinished Journey**. Cambridge University Press, 2001.

TICKNER, J Ann. **Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security**. New York: Columbia University Press, 1992.

TICKNER, J. Ann. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post–Cold War Era**. New York: Columbia University Press, 2001.

XINRAN. **As boas mulheres da China**, Rio de Janeiro, Companhia de bolso, 2002.